

O LUTO NA INFÂNCIA: CONVERSANDO COM A CRIANÇA SOBRE A MORTE¹

Geisa Cristina Silva Marcelino ²

Orientadora: Selma de Fátima da Silva Bueno³

Resumo: A morte faz parte do ciclo vital e nela se encontra a finitude dos seres humanos. Entretanto, este aparenta ser um assunto temido, sendo raramente alvo de conversas entre os adultos e, principalmente, entre adultos com crianças. Este artigo objetiva descrever a importância da comunicação sobre a morte para a elaboração do luto infantil, expondo a literatura infantil como ferramenta que possibilita esse diálogo. Para essa construção utilizou-se a pesquisa bibliográfica, de forma descritiva, com abordagem qualitativa, realizando uma coleta de dados em estudos que apresentam casos de crianças que vivenciaram a perda de um ente querido, visando obter informação acerca do diálogo relativo a essa perda e os impactos gerados, em decorrência dela, na vida da criança. Os resultados apontam para uma significativa ausência de comunicação e evidenciam o sofrimento da criança não somente pela perda, mas também pela falta de entendimento ou até mesmo o entendimento distorcido sobre o que aconteceu. Diante do estudo realizado, compreende-se o quão fundamental é a existência de pesquisas e estudos que proporcionem aos adultos o conhecimento sobre os estágios do desenvolvimento infantil para que através desse saber possa-se adentrar ao mundo da criança e dialogar com ela fazendo o uso de palavras adequadas, considerando e respeitando sua capacidade cognitiva, social e emocional conforme a idade em que se encontra.

Palavras-Chave: Morte. Luto. Infância. Comunicação.

INTRODUÇÃO

Todos os seres orgânicos passam por fases inerentes ao seu ciclo vital, nascem, crescem, desenvolvem-se no decorrer de suas vidas e morrem. Diante da afirmação de que a morte faz parte do ciclo vital, há a certeza de que todos os seres humanos morrerão. Entretanto, comumente as pessoas se esquivam desse assunto. Quando se começa a falar sobre morte, no sentido de que ela chegará para todos, logo se pede para mudar o assunto ou cessá-lo. Se essa ausência de diálogo sobre o tema ocorre entre os adultos, o que dizer a respeito dessa comunicação com as crianças?

As crianças acreditam que os adultos sempre terão respostas para elas, que eles explicarão as coisas que aconteceram. No entanto, ao se tratar da morte é difícil para o adulto lidar com esse assunto não somente pelo que seu sentido e conteúdo podem provocar na criança, mas também pelo que pode provocar nele próprio (SENGIK; RAMOS, 2013).

É difícil falar sobre a morte, principalmente, quando se perde um ente querido, pois saber que a morte vai chegar para todos, não elimina a dor da perda. Na ocorrência do fato os adultos conversam entre si sobre perda, não havendo como negar o sofrimento em saber que a pessoa amada não mais se encontrará entre eles. Mas ao passar os dias após a morte as

¹ Artigo elaborado como requisito avaliativo da disciplina Trabalho de Curso I do curso de Psicologia da Estácio Faculdade de Pimenta Bueno (ESTÁCIO FAP).

² Discente do 6º período do curso de Psicologia da ESTÁCIO FAP. E-mail: geisa.csm27@gmail.com.

³ Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté (UNITAU); Docente e orientadora da disciplina Trabalho de Curso I do curso de Psicologia da ESTÁCIO FAP. E-mail: selmabueno@fapb.edu.br

peças tendem a não falar mais sobre o ocorrido para desviar-se das lembranças que geram sofrimento, tristeza, dor e saudade. E no que diz respeito às crianças, há um diálogo, uma comunicação acerca da morte de seu ente querido?

Morte não é assunto para crianças. Isso é o que algumas pessoas dizem como desculpa de que querem proteger as crianças do sofrimento causado pela dor da perda. Mas a verdade é que não se sabe como abordar esse tema com elas. Pensa-se estar protegendo, mas na verdade o silêncio poderá dificultar o entendimento da criança sobre o ciclo da vida (PAIVA, 2011). A autora pontua que sentimentos e emoções relacionados à perda são inevitáveis, principalmente quando morre alguém que se ama. Mas mesmo diante desses sentimentos e emoções é preciso e possível falar da morte com a criança.

Neste seguimento, o objetivo desse artigo científico é descrever a importância da comunicação sobre a morte para a elaboração do luto infantil, visando expor a literatura infantil como ferramenta que possibilita esse diálogo entre o adulto e a criança. Optou-se em realizar uma pesquisa bibliográfica de forma descritiva e qualitativa com foco em crianças entre 4 a 11 anos de idade. O estudo foi fundamentado de acordo com estágios cognitivos de Piaget como abordagem do desenvolvimento infantil.

De acordo com Papalia e Feldman (2013), as idades estudadas para essa construção estão englobadas no estágio Pré-Operatório, envolvendo as idades entre, aproximadamente, 2 a 7 anos e Operatório-Concreto de 7 a 11 anos. Essa abordagem do desenvolvimento, segundo Torres (1980), tem sido utilizada por especialistas para a realização de pesquisas, que visam estudar a influência dos estágios em que a criança se encontra, envolvendo fatores como o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e a maturação para compreender o entendimento da criança sobre a morte.

MORTE, PERDA E LUTO

A morte sempre foi e ainda é inspiração para poetas, músicos e artistas. Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte. Fala-se dela como perda, ruptura, desintegração, degeneração, fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso e alívio (KOVÁCS, 1992).

Atualmente, os meios de comunicação influenciam a forma com que o ser humano encara a morte. Ela é apresentada de maneira escancarada, através dos noticiários, novelas, filmes e documentários, são imagens que envolvem mortes de diversas formas, havendo muitas vezes a falta de humanização ao se falar do fenômeno ocorrido, tratando a morte da

pessoa como uma mercadoria que tem o objetivo de aumentar a audiência (KOVÁCS, 2005; 2008).

A morte é um fenômeno inevitável, sendo ingênuo e insustentável negar sua importância (TORRES, 1979). Ao lançar um olhar para ela compreendendo-a como parte do ciclo vital, como um fenômeno que acompanha o ser humano em seu desenvolvimento e que nele deixa suas marcas, surgem inúmeros questionamentos nas pessoas (KOVÁCS, 2005). A autora afirma que as religiões, as ciências, as artes e as filosofias trazem respostas para tais questionamentos, porém nenhuma resposta é completa e universal. Mas embora sejam incompletas, elas trazem para algumas pessoas, mesmo que provisoriamente, as respostas ou conforto que elas buscam.

Segundo Kovács (1992), as diversas religiões e a filosofia procuram questionar e explicar a origem e o destino do ser humano. Nesse sentido, o ser humano, através de suas crenças e tradições culturais, religiosas, familiares ou até mesmo por suas próprias investigações pessoais traz dentro de si a sua própria representação da morte.

De acordo com a autora, do ponto de vista clínico a morte é definida como um estado onde todos os sinais de vida de um indivíduo cessam. Essas funções vitais podem ser substituídas por máquinas, prolongando a vida por tempo indefinido. Nesse sentido, a morte pode ser constatada do ponto de vista clínico de maneira simples e havendo dúvidas, outros médicos podem confirmar o óbito.

Segundo Kübler-Ross (2017), um dos fatores pelos quais as pessoas têm dificuldade de encarar a morte, é o fato de que morrer tem se tornado algo cada vez mais triste por seu aspecto solitário, mecânico e desumano, sendo até difícil determinar tecnicamente a hora exata em que ela aconteceu.

Em decorrência da morte também ocorre a perda, fenômeno que afeta as pessoas para quem a morte tinha significado. Todo ser humano passa pela vivência de perder um ente querido. E essa vivência pode ser ainda mais temida do que a própria morte. Esta última não pode ser vivida concretamente, então a única morte que o ser humano experimenta e pode falar de tal experiência é a perda. Expressar os sentimentos quando se perde alguém é fundamental para o processo de luto (KOVÁCS, 1992). De acordo com a autora,

A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nesta representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é "perdida" e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi. O outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças, na situação de luto elaborado. A morte como perda

evoca sentimentos fortes, pode ser então chamada de "morte sentimento" e é vivida por todos nós (p. 150).

A separação por morte de um ente querido pode causar um sentimento intenso de perda, gerando ansiedade e profunda tristeza, constituindo riscos para a saúde mental. A intensidade e duração do sofrimento do luto variam consideravelmente de pessoa para pessoa, contudo estudos afirmam a existência de um padrão geral básico (BOWLBY, 1997).

O autor reconhece como fases, pelas quais os indivíduos em processo de luto passam, quatro fenômenos, sendo o primeiro o Torpor ou Aturdimento, fase onde o indivíduo apresenta-se calmo, não sente absolutamente nada ou surpreso e espantado, com a mente perturbada, sendo incapaz de aceitar a notícia da morte de seu ente querido. Pode durar de algumas horas a uma semana e ser interrompido por uma profunda tristeza e/ou uma raiva intensa.

O segundo fenômeno é Saudade e também a Procura pelo ente falecido, nessa fase o indivíduo enlutado se dá conta da realidade e sente intensa aflição tendo consigo pensamentos sobre a pessoa falecida acompanhados de uma sensação da sua presença real, interpretando sinais e sons como fonte dessa presença. O terceiro são a Desorganização e o Desespero, quando o indivíduo apresenta crises de choro, tristeza, desespero, raiva e sente uma sensação de vazio e de irrealidade. E o quarto fenômeno é a Reorganização, onde o indivíduo entra no processo de aceitação definitiva da perda e de que a vida continua sem a presença física do ente querido.

De acordo com Parkes (1998), a desorganização é uma fase nítida no processo do luto, ocorrendo em diversos momentos na vida do indivíduo enlutado. Ele se sentirá livre para recomeçar somente quando as antigas concepções e modos de pensar tiverem sido deixados de lado. O autor segue afirmando que o traço mais característico do luto são os episódios de dor psíquica intensa e com muita ansiedade, onde o indivíduo enlutado sente saudade imensurável da pessoa que morreu e chora chamando por ela. Esses episódios se iniciam algumas horas ou dias após a perda, sendo espontâneos e muito frequentes, mas conforme o tempo passa, eles ocorrem com menor frequência ou somente quando provocados por algum estímulo que traz lembranças à mente.

Em seu livro, Parkes aponta aspectos importantes nas reações de luto, são eles a Reação Traumática (o indivíduo pode apresentar ansiedade, estresse pós-traumático, síndrome de pânico, inquietação e reações fisiológicas relacionadas ao medo, raiva e culpa); a Resposta de pesar (há uma necessidade angustiante de procurar e encontrar o ente falecido, o indivíduo pode adotar hábitos que eram comuns da pessoa falecida para torná-la presente). A resposta

de pesar pode se tornar patológica se estas reações forem excessivas e prolongadas ou até mesmo se forem inibidas; e a Transição psicossocial (o indivíduo enlutado passa por um processo onde deixa de negar e evitar o reconhecimento da perda e passa a aceitar e adotar uma maneira de viver sem a presença da pessoa amada). Durante esse processo há uma sensação de deslocamento e vazio e ele pode ser prejudicado se houver sentimentos de desamparo e desesperança que caracterizam a depressão.

Segundo Kovács (2008) mortes inesperadas, violentas, acidentes, suicídios, bem como a intensidade do vínculo existente entre o enlutado e o falecido podem afetar a elaboração do luto, complicando seu processo. Manifestando-se através de sintomas físicos e mentais.

Fatores antecedentes à morte como a relação com o morto, o grau de parentesco, força do apego, tipos de morte, e fatores posteriores como o apoio social ou isolamento e estressores secundários podem influenciar na elaboração do luto (PARKES 1998). Segundo constatado pelo autor em suas pesquisas, “o pesar do luto pode ser forte ou fraco, breve ou prolongado, imediato ou adiado” (p. 145).

Esse autor discorre ainda sobre o luto não autorizado, este está relacionado a pais biológicos de crianças adotivas, ex-cônjuges, médicos e enfermeiros que criaram um vínculo com pacientes, abortos, crianças consideradas muito pequenas para estar de luto ou idosos devido à idade avançada, entre outros. Segundo Parkes, essas pessoas podem apresentar complicações no processo de luto, pois fatores como a exclusão do enlutado dos rituais, ignorar ou reprimir o luto deles, a falta de apoio social para viver o processo de luto e os sentimentos de raiva e culpa que eles podem apresentar, tornam o luto ainda mais intenso.

Fatores psicológicos e sociais como as condições de vida, viver sozinho, ter que cuidar de outras pessoas, condições econômicas e idade, não são totalmente responsáveis pelo processo de luto, mas podem contribuir ou afetar o seu desenvolvimento. (KOVÁCS, 1992).

Em seu livro a autora fala sobre o medo que os seres humanos têm da morte e do morrer. Segundo ela, “o medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso” (p. 14). O medo das pessoas ocorre conforme suas vivências e o contexto onde estão inseridas, como, por exemplo, o indivíduo pode ter medo da morte ou do morrer por causa do perigo iminente devido a situações externas de violência, crimes, assaltos e por perturbações internas que o ameaçam, como fobias, ou mesmo após a morte de alguém conhecido passar a ter medo de morrer. Esse medo tem um lado vital, pois protege os indivíduos de riscos destrutivos e autodestrutivos. Entretanto, esse mesmo medo

pode ser mortal. Se por medo da morte a pessoa deixar de viver sua vida junto com as outras pessoas à sua volta, pode-se observar que ela já estará morta em vida.

Todo ser humano é obrigado a se confrontar com esse dilema, como o viverá, porém, vai depender em parte de sua história de vida, das características de sua personalidade, mas também de seu esforço pessoal para enfrentar essas questões. Podemos concluir, portanto, que o homem é responsável pela sua vida e pela sua morte (KOVÁCS, 1992, p. 26).

Segundo Paiva (2011), se o indivíduo falar sobre suas dificuldades e medos relacionados à morte, escutar e trocar opiniões sobre o tema com outras pessoas poderá pensar e refletir mais calmamente sobre esse tema, não havendo a necessidade de fugir e sim de encarar e viver bem a vida que se encontra presente.

A CRIANÇA DIANTE DA MORTE

De acordo com Neufeld e Reis (2015) é necessário que a criança receba informações esclarecedoras sobre a morte, pois a falta dessas informações pode acarretar nela sentimentos como culpa, medo, insegurança e até mesmo abandono. As autoras destacam que a restrição do entendimento da criança sobre a morte dificulta nela o processo de elaboração do luto, tornando ainda mais difícil e doloroso perder alguém que ela ama.

Em consonância, Kübler-Ross (2017) descreve que uma criança de cinco anos ao perder a mãe sente culpa por seu desaparecimento ao mesmo tempo em que se zanga com ela por tê-la abandonado deixando de atender sua súplica.

Segundo Kovács (1992), a morte de um adulto que tenha um vínculo com a criança pode acarretar nela, além da raiva e da frustração, um sério abalo na onipotência infantil, pois a criança tem o adulto como forte e poderoso, e se ele não consegue evitar a morte o que dirá ela que é e se sente mais frágil.

A autora esclarece ainda que a criança, muitas vezes, se sente culpada após a morte de uma pessoa, pois acredita ser responsável pelo acontecido. Afirma-se o seguinte:

Outro elemento da morte que fica muito presente nesta fase da vida é o elemento culpa. Esta relaciona-se muito com o pensamento mágico e onipotente infantil e com os elementos de sociabilização que levam a desejos de morte, de tal forma que, se ocorre uma morte, é inevitável que a criança estabeleça uma relação entre esses desejos e a morte efetiva (KOVÁCS, 1992, p. 4).

Se em algum momento, em vida, uma criança sentiu raiva da mãe e no auge de sua emoção desejou que ela morresse por não ter satisfeito sua vontade, essa criança carregará um trauma consigo caso a mãe venha morrer de fato, pois a criança não tem a maturidade para

distinguir a vontade de matar por estar com raiva do ato de realmente fazê-lo. Ela “sempre assumirá parte ou toda culpa pela morte da mãe. Sempre repetirá para si e nunca para os outros: “Fui eu, sou responsável, fui má, por isso mamãe me abandonou.”” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 7).

No que diz respeito ao entendimento da criança sobre a morte, a pesquisadora Wilma da Costa Torres realizou uma pesquisa, investigando o conceito de morte para as crianças conforme os estágios do desenvolvimento onde elas se encontram, sendo considerado na pesquisa o modelo piagetiano de estágios do desenvolvimento. Constataram-se, através da investigação, que as crianças dos diferentes níveis de estágio têm diferentes percepções sobre a morte, não se limitando somente aos níveis, mas também podendo considerar fatores socioculturais.

De acordo com os resultados da pesquisa de Torres (1979), as crianças que estão no estágio pré-operatório conseguem distinguir corretamente os seres que morrem e os que não morrem, porém elas ainda não têm um grau de compreensão que as possibilite reconhecer que existe uma categoria de seres inorgânicos, que não morrem porque não têm vida. Elas dizem, por exemplo, que a pedra não morre porque ela vive no chão ou que o relógio não morre porque é de ferro.

Embora as crianças que se encontram nesse estágio reconheçam que a morte acontece, elas não compreendem que esta é separada da vida e que a pessoa morta não volta a viver. Demonstram pensar existir vida na morte. Uma das crianças, de quatro anos e quatro meses, ao ser questionada se o morto sente frio responde que sim, porque ele está fora de casa, outra de cinco anos e um mês diz que os mortos não comem porque não tem comida, e que não sente frio porque a terra os esquenta. Dizem ainda que o morto não se movimenta porque o caixão não deixa ou que quando o morto ficar bom vai se levantar (TORRES, 1979). Segundo a autora, as crianças nesse estágio não compreendem a morte como processo definitivo e irreversível.

No estágio operatório-concreto há uma evolução na capacidade das crianças para distinguir seres orgânicos e inorgânicos, mas ainda não são totalmente capazes de dar explicações lógicas sobre essa distinção. Elas dizem, por exemplo, que o relógio não morre porque é uma máquina e as máquinas só estragam, não morrem e que os passarinhos morrem porque eles têm vida. As crianças nesse estágio compreendem que não é possível haver vida após a morte. Uma criança de sete anos e onze meses ao ser questionada se daria comida a uma pessoa morta, responde que não porque se a pessoa está morta não irá comer.

Compreender a morte como condição definitiva e permanente é uma característica que vem se apresentar na criança a partir do estágio das operações concretas (TORRES, 1979).

De acordo com a autora, os resultados do seu estudo demonstraram claramente que desde a infância, numa fase precoce do desenvolvimento a criança já tem uma representação da morte, embora ainda não saibam dizer o que ela é. Nesse sentido, a autora afirma que:

[...] explorar e tentar responder às ideias da criança parece ser muito melhor do que permitir que medos mágicos e não explicitados atuem em sua imaginação. Por outro lado, à medida que os dados revelam íntima relação entre o nível de desenvolvimento cognitivo e a conceituação da morte, também indicam que a abordagem do tema com a criança requer que se respeite, tanto quanto possível, o seu nível de aptidão para abstrair, ou seja, o processo de aprendizagem deverá ocorrer em etapas graduais, de acordo com a capacidade intelectual e emocional da criança (TORRES, 1979, p. 32).

Quando morre um ente querido, a morte, além de vir acompanhada de uma tentativa de explicação traz consigo também fortes emoções. A dor é inevitável, sendo necessário que haja o processo de luto e assim como o adulto, quando morre alguém que tenha significado na vida dela, a criança também processa sua perda, chora, se desespera e se conforma, dentro de seu tempo. Se a criança não for comunicada sobre a morte, ou seja, se ela não souber que a pessoa morreu, não expressará a sua dor, entretanto perceberá que algo aconteceu, pois as pessoas ao seu redor estarão agindo de uma forma diferente (KOVÁCS, 1992).

Conforme citado por Paiva (2011), é comum às pessoas falarem que acontecimentos dolorosos são ocultados das crianças para protegê-las do sofrimento e da tristeza, entretanto é importante a compreensão de que a criança é como um radar, quando se pensa que ela não percebe o que está ocorrendo, ela na verdade está atenta a tudo.

Nesse seguimento, Kovács (1992) afirma que ocultar a verdade acarretará perturbação no processo de luto da criança, bem como em sua relação com o adulto cuidador. É fato que a criança gostaria e pode ocorrer de negar a morte, mas quando os fatos contradizem as informações que ela recebe, esta ficará completamente perturbada e frustrada. “A primeira reação diante da perda de uma pessoa amada é a negação, e se o adulto reforça essa atitude, fica difícil passar para as outras fases do luto” (p. 49).

Em concordância, Kübler-Ross (2017) discorre sobre o fato de as crianças serem levadas para a casa de parentes ou pessoas conhecidas e junto delas, muitas vezes, vão mentiras que na verdade não convencem a criança, como por exemplo, se a mãe morre o adulto responsável diz que esta foi fazer uma longa viagem, entre outras histórias. Afastam a criança acreditando que a situação seria demais para ela. No entanto a autora afirma que:

A criança percebe algo de errado e sua desconfiança nos adultos tende a crescer à medida que os outros parentes acrescentam novas variantes ao fato, evitam suas perguntas e suspeitas ou cobrem-na de presentes como um mero substituto de uma perda que não pode atingi-la (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 10-11).

Diante desse contexto, a autora segue pontuando que com o decorrer do tempo esta criança perceberá mudanças na situação familiar e dependendo da sua idade e personalidade, para ela será uma experiência não só misteriosa, mas pavorosa e muito traumática. Sentirá um pesar irreparável, não conseguindo se entender como os adultos que mentiram para ela, pois esses não merecem sua confiança (KÜBLER-ROSS, 2017).

No que diz respeito ao luto, de acordo com Papalia e Feldman (2013), este ocorrerá, na criança, da mesma forma que ocorre sua compreensão sobre a morte, a vivência do luto acontecerá conforme seu desenvolvimento cognitivo e emocional. A criança pode expressar a dor do luto através de comportamentos explícitos, demonstrando raiva ou se recusando aceitar a morte da pessoa. “Elas podem sentir-se confusas com os eufemismos dos adultos: que alguém “se foi” ou que a família “perdeu” alguém, ou que fulano está “adormecido” e nunca mais vai despertar” (p. 643).

As autoras pontuam que utilizar eufemismos para falar da morte de alguém para a criança, pode dificultar o entendimento dela, no sentido de tornar-se confuso porque, segundo o sistema piagetiano, as crianças até por volta dos 11 anos de idade têm dificuldade com o pensamento abstrato.

De acordo com Lima e Kovács (2011) fatores como a etapa de desenvolvimento, a estabilidade psicológica e emocional, a intensidade dos laços afetivos que a criança tinha com o falecido e os tipos de comunicação existente em seu contexto familiar podem influenciar no processo de luto e na forma como ela vai reagir. Em pesquisa realizada, as autoras constatam que:

De modo geral, as crianças parecem ter respondido ao modelo passado por seus responsáveis: quando o silêncio em torno da morte foi quase total, a criança, talvez pela pouca idade, acabou esquecendo a pessoa morta. Quando a dor da mãe foi muito intensa e explícita, a criança passou a cuidar dela escondendo o próprio pesar para não causar sofrimento adicional. Nas situações em que se conversou abertamente e com frequência sobre o ente perdido, as crianças pareceram mais à vontade para mostrar seus sentimentos e fazer perguntas (p. 14).

A morte é um fenômeno que faz parte da vida, e sentir a perda de alguém que se ama é natural, sendo inevitável que haja tristeza, dor e sofrimento. Mas é preciso e possível falar da morte apesar da tristeza nela contida. É importante que exista essa comunicação com a

criança, permitindo que ela também sinta a tristeza e seja acolhida e confortada diante da dor de perder alguém que ela ama (PAIVA, 2011).

Em convergência com o exposto, Neufeld e Reis (2015) apontam à importância de convidar a criança para participar dos rituais e compartilhar seus sentimentos, bem como permitir que ela tenha seu tempo para elaborar a perda, estando o adulto responsável disponível para a comunicação sem censura e pré julgamentos, dando espaço para a criança expressar seus sentimentos.

Segundo Kovács (1992, p. 52), “não se trata de evitar o tema e sim, de trazê-lo para uma dimensão que possa ser assimilada pela criança, de acordo com o seu nível de desenvolvimento”.

LITERATURA INFANTIL: UMA FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO

Segundo Mendes (2013) a literatura infantil, pode ser um precioso instrumento pedagógico para auxiliar o adulto a conversar com a criança a respeito do tema morte. A autora pontua ainda, que não somente a escrita, mas também a força expressiva das imagens contidas nos livros infantis se reveste de particular significado para a criança, contribuindo para que ela reconstrua ou amplie sua compreensão acerca do sentido que a história traz. Considerando a complexidade de dar explicações sobre a morte para a criança, entende-se que as imagens podem ser poderosas aliadas do adulto nessa difícil tarefa, sempre respeitando a capacidade de compreensão e sensibilidade da criança. E assim ajudando a amenizar a dor da perda.

De acordo com Paiva (2011, p. 74) “o livro pode ser um recurso de grande riqueza para que a criança entre em seu universo, com prazer, mesmo que se depare com situações conflitantes que possam trazer-lhe certo desconforto”. Através de sua imaginação a criança pode refletir sobre seu mundo real, e também encontrar nela maneiras de enfrentá-lo e transformá-lo. Contudo, é muito importante que o livro escolhido para realizar a leitura com a criança esteja de acordo com a idade dela, respeitando seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional, e também seu nível social e cultural.

METODOLOGIA

A coleta de dados para construção deste artigo científico ocorreu por meio da pesquisa bibliográfica, de forma descritiva, utilizando a abordagem qualitativa.

A pesquisa bibliográfica, segundo Lakatos e Marconi (2003), é compreendida como um levantamento dos trabalhos já realizados acerca de uma temática em questão. Esta pesquisa é de suma importância para o desenvolvimento do trabalho acadêmico de cunho

científico, pois em sua utilização consegue-se obter dados atuais e que evidenciam a relevância do tema proposto. Ela é realizada em fontes secundárias, ou seja, em conteúdos já documentados anteriormente por fontes primárias.

A pesquisa de forma descritiva, por sua vez, tem o propósito de descrever as características de determinado grupo ou fenômeno, envolvendo a discriminação por faixa etária, sexo, nível de escolaridade etc. Esta pesquisa envolve, também, o levantamento e descrição de opiniões, crenças e atitudes relacionadas a determinado fenômeno (GIL, 2002).

A abordagem qualitativa, de acordo Guanilo; Takahashi e Bertolozzi (2011), proporciona melhor interpretação e compreensão das questões sociais, emocionais, comportamentais, culturais, entre outras que envolvem o cuidado em saúde devido à ocorrência de um fenômeno. Os autores argumentam sobre a importância de selecionar, estudos com conteúdos mais relacionados com temática a ser trabalhada, sendo estes indispensáveis. Devendo-se ajustar e determinar adequadamente a análise do pesquisador em relação à quantidade de publicações disponíveis, fazendo recortes para concentrar publicações mais relevantes e atuais. Segundo Gil (2002) para que haja eficácia na redução de dados, classificação dos estudos como os mais relevantes, interpretação, síntese e satisfação nos resultados da pesquisa é necessário que o objetivo da produção científica esteja claro.

Seguindo o exposto, realizou-se no dia 26 de outubro de 2020 uma busca dos estudos relacionados ao tema Luto Infantil. Optou-se em realizar a busca na base de dados do Google Scholar, pois esta é uma plataforma de pesquisa que abrange periódicos de diversas bases. Utilizaram-se os descritores: morte; criança; comunicação; e infância, com recorte especificando a presença da frase "luto infantil", recorte temporal entre anos de 2015 e 2020, sendo apresentados por relevância e contendo páginas em português.

Obtiveram-se 65 resultados no acervo. Foram selecionados entre estes os que a partir da leitura do título e do resumo se apresentaram dentro dos critérios de inclusão, sendo artigos que apresentassem pesquisas de campo realizadas no Brasil, com dados de crianças que correspondam às idades entre 4 e 11 anos, encontrando-se nos estágios pré-operatório que engloba crianças com idades entre, aproximadamente, 2 à 7 anos e o Operatório-Concreto aproximadamente 7 a 11 anos; crianças que passaram ou estejam passando pelo processo de luto devido à perda de um ente querido.

Foram excluídos 62 documentos por não aderirem às expectativas da pesquisa, contendo neles os critérios de exclusão. Entre esses documentos havia teses e dissertações ou artigos que não apresentavam conteúdos propostos na pesquisa, outros embora o conteúdo estivesse abarcando o tema proposto, não continham os critérios de inclusão.

O objetivo da pesquisa foi realizar uma coleta de dados acerca da comunicação à criança sobre a morte e as emoções, sentimentos e comportamentos apresentados por ela em decorrência do impacto da perda.

Os três documentos incluídos para o processo de análise e coleta de dados foram duas publicações do ano de 2015 e uma de 2018. O primeiro artigo a ser analisado é da plataforma Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos, ele foi desenvolvido a partir de um caso clínico onde se utilizou a abordagem ludoterápica para possibilitar que a criança expressasse seus conflitos, sentimentos e dificuldades (ROCHA; BARRETO, 2015).

O segundo estudo foi apresentado e publicado nos Anais do II Congresso de Cuidados Paliativos do Mercosul no ano de 2015. Esse, assim como o primeiro, foi desenvolvido a partir de um caso clínico. O terceiro estudo encontra-se na Revista Diversidade de Práticas em Psicologia-CRP 11. De acordo com Lima; *et al.* (2018. p, 77), trata-se de uma pesquisa realizada “no ano de 2017, no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), do Centro Universitário Católica de Quixadá (Unicatólica)”, utilizou-se como instrumento a entrevista semiestruturada para realizar a coleta de dados com as crianças e com os adultos responsáveis por elas. Para que houvesse maior interação entre as crianças e a pesquisadora, e assim elas pudessem demonstrar e falar de seus sentimentos e experiências relacionados às suas perdas e seus processos de luto foi realizado momentos lúdicos. Este estudo foi publicado no ano seguinte.

Quadro 1 – Coleta de dados dos estudos incluídos

Autores	Idade e sexo das crianças	Ente querido falecido	Resultados
ROCHA; BARRETO (2015)	Um menino de 9 anos.	Mãe e avós maternos.	Nota-se a ausência de comunicação sobre a morte por parte dos adultos responsáveis. A criança expressa sentimentos negativos por não saber se seus entes queridos estão bem. Apresenta agressividade, tristeza, angústia e medo de dormir sozinho. Em psicoterapia, inicialmente, apresenta-se retraído e calado.
RIBEIRO; OTHERO (2015)	Uma menina de 11 anos.	Amigo da escola.	Não houve comunicação direta à criança a respeito da morte, entretanto a criança se mostra atenta e da sua maneira tem conhecimento sobre o ocorrido. Explica a morte de acordo com seu entendimento, diante de suas observações. Em terapia apresenta-se triste e com saudades do amigo.

LIMA <i>et al.</i> (2018)	Uma menina e dois meninos entre 07 e 10 anos.	Um dos genitores ou ambos.	Nos três casos não houve comunicação a respeito da morte. Uma das crianças apresenta tristeza, sensibilidade (chora ao ver algo triste na televisão), outra sente que a vida ficou chata, esta apresenta comportamento rebelde. E outra diz que a vida ficou ruim. De modo geral notaram-se alterações na autoestima, no ânimo e comportamentais.
---------------------------	---	----------------------------	---

Fonte: A autora (2020)

Análise dos dados e discussão

De acordo com Rocha e Barreto (2015), o menino de nove anos sofreu sua primeira perda significativa aos sete meses de vida, quando ocorreu a morte de sua mãe. Aos quatro anos de idade ele vivencia outras duas perdas significativas. Morrem seus avós maternos com quem ele morava desde a morte da mãe. Em decorrência da morte de seus cuidadores, o menino sofre, além das perdas, diversas mudanças de ambiente. Ele passa a apresentar medo de dormir sozinho com a luz apagada, acorda durante a noite chorando e tem comportamentos agressivos em relação à prima que tem a mesma idade que ele, com quem passou a morar e que o deixa chateado dizendo que a casa é da mãe dela.

Possivelmente, um luto mal elaborado pode estar acarretando consequências negativas no desenvolvimento dessa criança. Considerando que ele tinha sete meses quando sofreu a perda da mãe, entende-se que essa perda ocorreu durante o estágio Sensório-Motor correspondente a crianças desde o nascimento até, aproximadamente, 2 anos de idade. Vindo a perder os avós aos quatro anos no estágio pré-operatório. Entretanto, quando é atendido em psicoterapia e demonstra dor e sofrimento relacionados às mortes ele já se encontra no estágio operatório-concreto. Seu comportamento agressivo, choro, tristeza e medo podem ser uma maneira de comunicar o que sente, por não saber lidar com as perdas, e todas as mudanças que ocorreram a partir delas. Suas angústias se manifestam através da dificuldade de conduta e sintomas como tristeza e medo (PAIVA, 2011).

Em psicoterapia o garoto, inicialmente, demonstra-se fechado. No decorrer das sessões, diante do acolhimento, começou a se soltar e conversar. Relatou que fica triste porque não fica muito tempo com seu pai e já perdeu várias pessoas. A tristeza também é porque não consegue lembrar sua mãe, conta que ela morreu quando ele ainda era bebê e sente saudade dela. Quando a conversa se trata da morte da mãe se percebe grande tristeza nele (ROCHA; BARRETO, 2015). Os autores relatam que a criança carregava angústia e preocupação por não saber se a mãe e os avós estavam bem.

Essa criança está inserida em um contexto familiar desestruturado onde ocorreram várias quebras de vínculo, não somente no que diz respeito às mortes de seus cuidadores, mas em relação aos que em vida tornaram-se os adultos responsáveis por ele. Através dos relatos que demonstram essas quebras de vínculos e desestrutura pode-se supor a ausência de diálogo sobre a morte de seus entes queridos e a falta do acolhimento da sua dor.

Evidencia-se essa falta de acolhimento e de diálogo quando Rocha e Barreto (2015) relatam a existência de um sofrimento escondido na criança, em relação às mortes da mãe e dos avós e que a criança carrega consigo uma angústia e preocupação por não saber se eles estão bem.

Segundo Kovács (1992), o adulto não fala da morte acreditando que está protegendo a criança, como se pudesse aliviar a dor e mudar a realidade. Na verdade, a ausência da comunicação deixa a criança confusa e desamparada sem poder falar o que se passa consigo. A morte de uma pessoa que tenha grande significado na vida da criança provoca uma imensa dor, mas falar dessa morte não significa que vá criar ou aumentar a dor, pelo contrário, a comunicação pode aliviar o sofrimento da criança e facilitar a elaboração do luto.

Em concordância com a autora cabe ressaltar que o menino, por intermédio da psicoterapia e os instrumentos utilizados nas sessões, sentiu-se acolhido e a partir desse acolhimento foi se soltando, interagindo e conversando, podendo expressar suas angústias e preocupações sobre a mãe e os avós, apresentando melhora significativa em seu comportamento (ROCHA; BARRETO, 2015).

A menina de onze anos, segundo Ribeiro e Othero (2015) se apresenta triste e com os olhos lacrimejando. Conta que o amigo morreu e que está com saudade dele, ela diz não saber bem o que aconteceu, mas escutou atrás da porta quando a mãe disse que ele morreu na UTI. Ela se lembra de que, em um passeio da escola, observou que ele vomitava muito e também estava inchado. E relata que desde aquele dia ele não voltou mais para a escola. Com o intuito de explicar o que aconteceu com o amigo ela fala que se ele estava na UTI é porque o corpo dele começou a falhar, tendo dificuldade para respirar e que o coração estava batendo lentamente porque estava muito cansado, afirmando que é diferente do corpo dela.

Nesse caso, pode-se observar como já destacado anteriormente, o quanto a criança está atenta ao que ocorre à sua volta. Não houve uma comunicação a ela sobre a morte do amigo, soube ao escutar quando mãe conversava sobre o ocorrido com outra pessoa. Diante disso, além da tristeza que sentiu pela perda do amigo, ela tentou entender e dar explicações sobre o que aconteceu com ele a partir do que, até então, era capaz de compreender. Acerca do exposto, os autores apontam que falta de diálogo e de orientação adequada pode ser uma

tortura para a criança ocasionada por seus sentimentos e dúvidas sobre a morte e a dor da perda.

Essa criança, de acordo com a teoria de Piaget, encontra-se no estágio operatório concreto. Nesse estágio as crianças “definem a morte a partir de aspectos perceptivos, reconhecendo, sobretudo, a imobilidade do morto” (TORRES, 1979, p. 22). A autora pontua ainda que nesse estágio as crianças já são capazes de reconhecer a morte como processo natural da vida, envolvendo cessação da vida corporal.

Segundo Papalia e Feldman (2013), crianças do estágio das operações concretas utilizam o raciocínio indutivo, que um tipo de raciocínio lógico, para concluir e dar explicações sobre o que ocorre a sua volta. Elas compreendem algo sobre uma determinada classe a partir de suas observações sobre os fatos que acontecem com os semelhantes daquela classe.

No estudo realizado por Lima *et al.* (2018) os três adultos responsáveis relatam nunca ter conversado com as crianças sobre a morte, não houve uma explicação para elas. Segundo exposto por eles às crianças, após a perda, apresentaram mudanças em seus comportamentos e sentimentos. Tornaram-se mais calmas, tristes e sensíveis, outro já passou a apresentar comportamento mais rebelde. Uma das crianças por diversas vezes era encontrada chorando ou de cabeça baixa e quando sonha com o pai adoece, outra pede para não ir à escola, porque os pais das outras crianças vão buscá-las, mas os dela não. Às vezes a criança fica olhando para o céu e chorando. Não corre, brinca e sorri como antes e, só de falar o nome da cuidadora que morreu, ele se desespera, fica nervoso ao ponto de subir a pressão.

Os autores relatam que as crianças não sabiam falar sobre a morte e que demonstraram insatisfação por seu desconhecimento sobre a perda. É evidente que a perda sofrida gerou um impacto na vida das crianças. Observaram-se mudanças na autoestima, indisposição para as atividades de rotina e perda de vontade de realizar sonhos. Duas das crianças falam que a vida ficou ruim e chata, outra diz que quando vê algo triste passar na televisão sente vontade de chorar (LIMA *et al.*, 2018).

Não se pode afirmar os questionamentos e sentimentos da criança quando ela fica olhando para o céu enquanto chora ou quando se apresenta sempre triste, chorosa, etc. Essa de acordo com Paiva (2011) pode estar sendo sua forma de expressar a tristeza, dor e sofrimento relacionados à perda. Entretanto pode também ser um sinal de que esteja carregando um sentimento de culpabilidade ou abandono (KOVÁCS, 1992; KÜBLER-ROSS, 2017; NEUFELD; REIS, 2015). Diante disso reafirma-se a necessidade de haver o diálogo aberto com a criança, permitindo que ela fale sobre seus sentimentos e dúvidas.

O fato de a criança olhar para o céu e chorar remete também ao que assinalou Kübler-Ross (2017), quando afirma ser inapropriado dizer para uma criança que Deus levou a pessoa porque Ele a ama. Ela cita um caso onde a menina perdeu o irmão e foi dito a ela que Deus o levou para o céu porque o amava. “Esta menina ao se tornar mulher, jamais superou sua mágoa contra Deus, mágoa que se degenerou em depressão psicótica quando da perda de seu próprio filho, trinta anos mais tarde” (p. 11).

Nesse sentido Lima; Kovács (2011) dizem que embora seja difícil comunicar à criança sobre a morte de um ente querido essa comunicação é imprescindível e requer cuidados básicos por parte do comunicador, que deve ser alguém com quem a criança tenha um vínculo afetivo. É fundamental que haja um diálogo seguro, sempre respeitando o nível de desenvolvimento cognitivo e emocional em que a criança se encontra. Deve-se respeitar o tempo que a criança levará para processar o que foi dialogado. Se ela expressar tristeza, culpa e raiva é importante que o adulto esteja preparado para acolhê-la, acolhendo assim seus sentimentos, questionamentos e anseios.

É válido destacar que de acordo com Zavaschi *et al.* (2002) a vivência de eventos estressores durante a infância, bem como a morte de um dos pais ou substitutos, encontra-se associados à depressão na vida adulta. Os autores afirmam que a partir de estudos realizados com adultos que perderam um dos pais na infância evidenciou-se que a não participação da criança nos rituais de morte do pai ou da mãe acarretou um maior índice de depressão e sentimentos de culpa. “Este achado enfatiza a importância de apoio e permissão para que a criança possa falar abertamente sobre sua dor com os familiares sobreviventes” (p. 4).

Nesse seguimento, conforme já colocado por Sengik e Ramos (2013, p. 3), considera-se que “explorar e tentar responder às perguntas das crianças sobre a morte é mais adequado do que inventar eufemismos ou criar ilusões que confundem ainda mais seus pensamentos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados compreende-se que é fundamental haver um diálogo com a criança a respeito da morte, considerando que ela, precocemente, já desenvolve seu próprio conceito a partir de suas observações e sua capacidade de compreensão de acordo com seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional, conforme a idade em que ela se encontra e as experiências que ela já viveu. Se não houver comunicação verbal com a criança a respeito da morte de seu ente querido ela irá compreender a situação através da comunicação não verbal, percebendo, em sua convivência, que algo aconteceu, podendo isso acarretar um entendimento distorcido gerando nela um sofrimento ainda maior.

Tendo como base a literatura acerca do luto infantil foi possível compreender que ocultar a verdade, usar de eufemismos ou evitar o assunto não é adequado, pois pode acarretar perturbações tanto no processo de luto da criança quanto em seu desenvolvimento de acordo com o ciclo vital. É importante haver uma comunicação clara, respeitando a capacidade de entendimento da criança e atentando-se para os sentimentos, emoções e comportamentos dela diante de sua perda. A morte e conseqüentemente a perda tem seus significados e suas conseqüências para a criança e seu desenvolvimento, por isso a importância do acolhimento para que ela não se sinta desamparada e possa expressar o que sente.

Constatou-se a importância de o diálogo com a criança acontecer com um adulto com quem a criança tenha um vínculo afetivo, alguém com quem ela se sinta segura, acolhida e confie. As crianças, citadas no artigo, que tiveram a oportunidade de conversar com os profissionais que as atenderam, apresentaram melhoras ao se sentirem acolhidas e falarem a respeito dos seus sentimentos, percepções e questionamentos. Observa-se que a menina já fazia acompanhamento com a terapeuta há um tempo quando ocorreu a morte do amigo e o menino que perdeu a mãe e os avós passou a se abrir e apresentar melhoras depois de algumas sessões.

Entende-se que pode ser difícil abordar o tema morte com uma criança, principalmente, quando ela passa pela dor da perda. Diante disso, traz-se a literatura infantil como instrumento para possibilitar e facilitar essa comunicação. São diversos os livros infantis que abordam o tema, entre eles tem-se o livro *O vovô não vai voltar? trabalhando o luto com crianças* de Neufeld e Reis, utilizado no desenvolvimento do presente artigo.

Ressalta-se a importância das pesquisas relacionadas ao desenvolvimento infantil, em especial ao tema proposto nesse artigo, pois estas possibilitam ao adulto o conhecimento necessário para adentrar o mundo infantil e se adequar a ele para poder se comunicar com a criança de forma clara, respeitando o nível de capacidade de compreensão em que criança se encontra.

REFERÊNCIAS

Bowlby, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUANILO, M. C. DLTU; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M. R. Revisão sistemática: noções gerais. **Rev Esc Enferm USP**, v. 45, n. 5, p. 1260-6, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/4083>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2020.

KOVACS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, pág. 457-468, dezembro de 2008. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004> >. Acesso em 27 de novembro de 2020.

_____. Educação para a morte. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 25, n. 3, pág. 484-497, 2005. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>>. Acesso em 27 de novembro de 2020.

_____. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 10. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo : Atlas 2003.

LIMA, A. D. P. de *et al.* O processo de luto infantil nas crianças em processos psicoterápicos em uma clínica escola. **Rev. Diversidade de Práticas em Psicologia**. CRP 11 - Fortaleza, CE, - vol.1, n1. p. 77-82, 2018. Disponível em: <<http://www.crp11.org.br/upload/Publicacao-diversidade-praticas-em-psicologia-CRP11.pdf#page=81>>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.

LIMA, V. R. de; KOVACS, M. J.. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200014>>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

MENDES, Teresa. A morte dos avós na literatura infantil: análise de álbuns ilustrados. **Educação & Realidade**, v. 38, p. 1113-1128, 2013. Disponível em: <<http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14306>>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

NEUFELD, C. B.; REIS, A. H. **O vovô não vai voltar?** trabalhando o luto com crianças. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças:** a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano** [recurso eletrônico]. Tradução: Cristina Monteiro; Mauro de Campos Silva. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PARKES, C. M. **Luto estudos sobre a perda na vida adulta.** São Paulo: Summus, 1998.

RIBEIRO, M. S.; OTHERO, M. B. Atuação da terapia ocupacional no luto infantil: um relato de caso. **Anais do II Congresso de Cuidados Paliativos do Mercosul.** Unidade Cuidativa, FAMED / UFPel - Pelotas-RS. vol. 1 ISSN 2674-7456, Ed. 2, p. 23-24, 2015. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/paliativomercosul/files/2019/06/333355076-ANAIS-Final.pdf#page=23>>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.

ROCHA, M. V.; BARRETO, J. B. M. A ludoterapia no processo do luto infantil: um estudo de caso. **Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos**, 2015. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8555>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, pág. 379-387, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822013000200015&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 09 de novembro de 2020.

TORRES, W. da C. O tabu frente ao problema da morte. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 31, n. 1, p. 53-62, 1979. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18015>>. Acesso em: 16 de outubro de 2020.

_____. O conceito de morte na criança. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 31, n. 4, p. 9-34, 1979. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239>>. Acesso em: 16 de outubro de 2020.

_____. O tema da morte na psicologia infantil: Uma revisão da literatura. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 32, n. 2, p. 59-71, 1980. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18352>>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

ZAVASCHI, M. L. S. *et al.* Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 189-195, out. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000400009>>. Acesso em: 09 de novembro de 2020.